

Variações em torno da
paixão, *do amor e da*
beleza

Affonso Romano de
Sant'Anna

Apresentação
Juliana Cordeiro

Sumário

1. Apresentação.....	7
2. Abrindo espaços íntimos.....	9
3. Variações em torno da paixão.....	13
4. O melhor amor.....	17
5. Fome de beleza.....	22

Affonso Romano de Santa'Anna

Variações em torno da paixão, do amor e da beleza

Apresentado por Juliana Cordeiro

Belo Horizonte, 2017.

*Become dust with me,
insignificant and everywhere,
for I will love you even after
your marrow has become a whisper
in your bones.*

Alysia Harris

Apresentação

por Juliana Cordeiro

*Ao querido leitor,
Espero que esta edição, que reúne e reorganiza a leitura de alguns textos de Affonso Romano de Sant'Anna, seja tão marcante para você quanto o foi para mim. Quando encontrei o livrinho Tempo de delicadeza em um sebo, aos dezessete anos, não imaginava que o releria incontáveis vezes em diferentes fases da vida e que, em determinado momento, as crônicas comesçassem a fazer tanto sentido que pareciam ter sido escritas por mim mesma.*

“O amor à beleza é uma forma de sacerdócio.”

Se vimos o trabalho do autor como o de um mestre de picadeiro, estabelecemos claramente a relação: por meio da escrita, o autor aproxima leitores da tenda colorida, abre a lona e os deixa entrar onde várias figuras maravilhosas estão arranjadas cuidadosamente ao longo das paredes. E se é assim, ao editor cabe o trabalho de contrarregra dessa pequena maravilha – é ele que levanta a tenda, prega cartazes na cidade avisando que o circo vem aí, garante que as figuras estejam limpas e brilhantes, sussurra ao ouvido do autor que alguns leitores precisam ser levados pelas mãos para olhar mais atentamente. Assim, exerço ainda um terceiro papel: o de entrar no circo durante a noite e rearranjar as figuras nas paredes à minha maneira, fazendo com que os leitores vejam o que eu vi. Espero que aproveitem o espetáculo.

Dedicado à minha mãe, também fiel às coisas do amor;

Juliana.

Abrindo espaços íntimos

Ela sabia que a entrada daquele homem pela porta de sua casa não era uma coisa banal. Não chegava a ser um terremoto, mas se preparava para alguns deslocamentos geológicos na sua alma. Diria que ela propiciava que isto acontecesse, como se ali fosse se cumprir um ritual. E seria bom que ele também soubesse disto, que as pessoas não deviam entrar numa vida, numa casa e conseqüentemente num corpo de maneira desatenta e egoísta. A casa é lugar de permanência, mais que motel ou hotel. Exige cumplicidades mais delicadas.

Contudo, precavida quanto a essa noção de permanência, sabendo que a vida às vezes é um deserto por onde passam caravanas e tuaregues, admitiu que já seria bom se a casa se convertesse num oásis.

Os primitivos sabem melhor que nós, pretensos civilizados, que establanadamente banalizamos tudo, que o ritual é que dá sentido aos fatos. Mínimos gestos ou certos instantes podem se tornar históricos se estiverem entranhados desse ritmo denso de adágio que têm os rituais.

Cruzar um umbral, a soleira, ultrapassar um limite são coisas graves.

Porque uma coisa é o ver, o aproximar-se, o apertar a mão, dar um sorriso e se tocar progressivamente procurando intimidade. Mais do que ocupar espaços, isto é ir povoando

espaços. Externamente é quando os amantes vão se ampliando, se alongando e habitando conjuntamente o que é público: o cinema, o restaurante, a caminhada na praça ou a praia. Mas, de repente, estar na casa, na sala, no quarto, no toalete do outro, ver as roupas dependuradas nos cabides, a escova e os grampos na bancada junto à pia, os vidros de perfume, aqueles objetos de decoração na mesa da sala, cinzeiros de prata, uma escultura da Polinésia ou cópia de uma santa barroca, isto, convenhamos é estar com a alma exposta.

É como abrir portas, janelas e gavetas. Há o inesperado. E as pessoas e casas, o que são senão gavetas dentro de gavetas, caixas dentro de caixas? Então, ir se aproximando de alguém, penetrar no espaço físico, onde a figura amada habita é ir, como na estrutura da caixa chinesa, que contém outra caixa menor, que contém outra menor ainda, que contém outra e outras, até enfim, chegar ao latente coração do outro.

Essa mulher está rodeada de objetos que tiveram outra história, outras histórias. E durante algum tempo, como se estivesse num luto secreto, adiou reinaugurar o leito, reencenar os gestos, esperar que outro homem fizesse brotar nela arrebatamentos em insuspeitadas regiões de seu corpo.

Até os objetos se deram conta que ela está oferecendo algo muito delicado. Daí uma cumplicidade entre os objetos

da casa e o corpo dessa mulher. Eles também esperam que esse homem venha como um cauteloso conquistador. Há uma expectativa no ar, a cômoda barroca guarda em suas volutas e elipses alguma tensão, o abajur emana uma contida luz e os tapetes parecem reanimar ternuras. Enfim, os objetos estão conscientes de seu papel de coadjuvantes.

Se ele, em vez da delicadeza do gato que é capaz de passar por taças de cristal sem quebrá-las, for do tipo invasor, um godó ou visigodo, que não controla os limites de seu corpo e fala preenchendo tudo egocêntrica e desatentamente, então ocorrerá uma inapelável ruptura, a profanação do instante.

Ela gostaria que ele chegasse como o viajante que vindo de longe, no entanto, fala sua língua. Alguém que não extrapolasse do presente nem invadissem seu passado e futuro. Que passado e futuro são coisas que competem a ela doar, quando e a quem os merecer.

Ela quer nos limites para os quais está preparada agora.

Ela gostaria que ele chegasse com a virilidade suave de um anjo. E que quando despertasse no dia seguinte tivesse aquela sensação do mito antigo, de que um deus dormiu lá em casa. Tranquila ela veria que a casa e todos os objetos estariam em ordem. Só que encantados. Encantados como ela, que encantada sai para um novo dia com um sorriso de posse e confiança.

E se ela olhasse para trás veria que os objetos da casa a contemplam cúmplices e igualmente felizes.

Variações em torno da paixão

Paixão é a alucinação amorosa.

E os apaixonados são de duas espécies: os generosos que se dão inteiramente, se jogando establanadamente nas mãos do outro, e os possessivos, que querem que o outro se incorpore a eles convertidos em sombra viva.

Mas talvez haja um terceiro tipo: o dos que não se apaixonam, mas despertam paixões. Na impossibilidade ou no medo de se apaixonarem, posto que paixão é abismo, alimentam-se da paixão alheia, ou melhor, incentivam a paixão em torno para preencher algo em si.

Paixão, por isto, é arma de dois ou três gumes. E corta. E sangra. Se não sangrou, se não teve insônia, se não se desesperou, se não ficou com a alma dependurada num fio de telefone, se não ficou exposto na úmida espera, paixão não era.

Talvez fosse desejo, que o desejo é diferente.

No desejo a gente quer o outro para possuí-lo apenas passageiramente. É como se fosse um apetite despertado por um fruto ou alguma comida saborosa que saliva nossos sentidos. É como se fosse possuir um objeto na vitrina. É um desejo de posse natural, estético, erótico, mas, sendo mais desejo que qualquer outra coisa, isto vai passar.

E passa.

Na paixão, não.

Na paixão, a gente quer se fundir com o outro. Para sempre. De corpo e alma. Perde totalmente o centro de gravidade. Transfere a moradia de seu ser para a casa do ser alheio. É como se vestisse a pele do outro. E se o outro disser assim: "Vai ali buscar aquela estrela ou mesmo a Lua" (como naquele lindo conto de Murilo Rubião chamado "Bárbara"), se o outro disser isto, a gente vai airosoamente buscar o que ele quer.

E se o outro disser: "Não estou gostando de seu nariz", a gente opera, corta, joga fora, não só o nariz, mas qualquer outra coisa, porque nesse caso, qualquer palavra ou sugestão é ordem.

A paixão é boa?

A paixão é ruim?

Ninguém sabe. Ela acontece. Como certas tempestades, ela acontece. Assim como depois dos vendavais os elementos da natureza já não são os mesmos, ninguém será o que era depois do desvario da paixão.

Vidas renascem com paixões.

Outras viram cinzas por causa dela.

E há pessoas que são como aquela ave mítica, a Fênix, vivem renascendo das cinzas da paixão.

Marx, portanto, errou completamente. Não é a luta de classe que move a história, é a paixão. Paixão é revolução a dois. Ela desafia o sistema. Diante dela a comunidade fica abalada. A paixão é anti-social e egoísta, no que é diferente do amor maduro, longo e duradouro, que fecunda a vida dos

amantes e reforça os laços de comunidade. Com Romeu e Julieta, por exemplo, fez-se a revolução a dois. Foi assim com Tristão e Isolda, com Genevieve e Lancelot. Não é de hoje que os reinos se fazem e se refazem por causa da paixão.

Existe diferença entre o amor e a paixão?

No amor, claro que há luminosa coabitação. Mas o amor é também paciente construção. Já a paixão é arrebatamento puro e aí a voragem é tão grande que pode tudo se esgotar de repente.

Quantas vezes alguém se apaixona numa vida?

Há gente que vive se inventando paixões para viver, que vive morrendo de amor. E há gente que organiza toda a sua vida em torno de uma única e consumidora paixão.

Paixão é transgressão. Quanto mais obstáculos inventarem, mais o apaixonado os saltará. E o apaixonado não tem medo do ridículo. O que lhe importa o mundo, se o seu mundo é apenas o mundo da pessoa amada?

A paixão tem cor. Mais que vermelha e rubra, é roxa. Pressupõe morte e ressurreição.

De paixão vivemos muito.

De paixão morremos sempre.

O melhor amor

Uma vez ouvi alguém dizer: “O melhor amor é aquele que provoca em nós os nossos melhores sentimentos”. Isso já tem mais de trinta anos, mas a frase ficou grudadinha na memória.

Retomo-a agora. É uma frase intrigante. Primeiro porque instila a ideia de que existe um “melhor amor”. Se assim é, então deve existir também um “pior amor”. Isto desestabiliza a ideia de que o amor é sempre uma coisa una e indivisível, que é em si algo sublime, fora de nós, e que certos amantes é que não sabem como lidar com ele.

Ocorreu-me de novo aquela frase, porque alguém (há sempre alguém nos dando frases de presente), numa conversa banal, disse que fulano era especialista em murchar mulheres. Havia casado três vezes, e o que eram namoradas viçosas e apetecíveis transformaram-se em cinzas e apagadas matronas olhando a vida como um trem que se afastasse deixando-as murchas na estação.

Tem gente, portanto, que tem DNA de sanguessuga. Crava o dente na alma do outro e a esvazia. No entanto, a convivência amorosa deveria trazer vida, alegria, comunicabilidade, enfim, despertar em cada um o que cada um de melhor tem.

Em Belo Horizonte houve uma miss Brasil esfuziantemente linda, que casou com um empresário e obnubilou. É essa a palavra que me ocorre, e – como dizia o

mestre Aurélio – a gente tem que dar oportunidade às palavras. A moça enevoou-se, apagou-se, sumiu do mapa, sequestrada na tristeza. Obnubilou-se.

Alguém vai dizer: “Isto também ocorre do lado feminino”. E eu não sei? Já não vimos aquele filme com a Marlene Dietrich, *O anjo azul*, em que a “mulher fatal”, como uma aranha no cio, uma gafanhota perversa, vai destruindo o indefeso e apaixonado velho professor?

Picasso foi um grande, imenso exemplo de destruidor de mulheres. Algumas se matavam, outras iam enlouquecendo. Isto pode ser revisto naquele filme tirado do livro que uma de suas ex-mulheres escreveu. Aliás, se acharem suspeitos os depoimentos expressos pela vida de suas sete esposas oficiais, basta considerar a frase que Paul Éluard – poeta francês contemporâneo ao pintor – certa vez disse depois de fazer um exame de caligrafia daquele minotauro amoroso: “Picasso ama intensamente, mas destrói tudo o que ama”.

Portanto, se há um “melhor amor” e um “pior amor”, há amor que mata e amor que vivifica. Por isto, alguém pode indagar: “Por que há gente que fica presa ao ‘pior amor’? Por que sofre insônias? Porque fica grudada no telefone que não toca? Por que continua dando presentes e recebendo rejeição de volta? Por que tolera certas humilhações públicas e íntimas?”

É que nem sempre se pode sair de um pântano, de uma areia movediça, sem agarrar-se a um galho, corda ou outro

tipo de socorro. E as neuroses são como o cigarro. O fumante, mesmo sabendo que aquele vício mata, nem sempre consegue se libertar. E assim como quem já deixou a bebida sabe que não se deve tomar um trago nem por brincadeira, quem já sofreu burramente por causa de um amor ruim deve precaver-se.

O melhor amor é aquele que desperta em nós os nossos melhores sentimentos. Aí, então, nossa pele remoça, os olhos brilham e somos capazes de atravessar os anos numa fecundante aura.

Fome de beleza

Com o tempo, uns vão ficando místicos e acabam voltando pra igreja.

Outros começam a retomar antigas amizades, frequentar almoços de turmas de formandos.

Outros se entregam aos filhos e netos prazerosamente.

Outros querem enriquecer mais e mais.

Outros vão ficando salomonicamente cansados de tudo e acham até que a morte está tardando.

Mas há os que, com a maturidade, só veem aumentar a fome de beleza. É como se, através de um necessário e crescente convívio com o belo, já estivessem se desgarrando das feias impurezas terrenas e pressagiando uma luminosa forma de eternidade.

Não me venham indagar o que é belo. Quem está tendo essa fome de beleza já superou há muito as enfadonhas definições acadêmicas ou vanguardistas.

Esse encontro com a beleza pode dar-se como naquele poema de Drummond em que, descrevendo a vida expandida da cidade, cheia de trilhos de aço e buzinas, de repente dá de cara com uma flor que nasceu no asfalto. Então, o poeta pede para que dela se afaste o trânsito, sugere silêncio aos passantes e, sentado no chão da capital do país, às cinco horas da tarde, acaricia a forma insegura e bela, que acabou de irromper contra a aspereza do dia.

Estava eu lendo um livro (*Dez considerações sobre o tempo*) em que o autor, um escandinavo de sobrenome Bodil, dizia que as pessoas passam a vida toda dizendo que não têm tempo, que estão ocupadíssimas, quando, na verdade, estão é com medo de abrir espaço em sua vida para enfrentar o tempo, porque se defrontar com o tempo é se defrontar verdadeiramente consigo mesmo.

Pois é necessário abrir espaço para o belo. Abri-lo com determinação, porque o tempo todo entulham nossos olhos com horrores vários. Uma das piores poluições é essa, a da feiúra. Edifícios feios, roupas horrorosas, músicas que não passam de agressivos ruídos. Gente que fala feio e pensa pior ainda. Até mesmo com a comida é necessário estar atento à beleza, à maneira de arranjar as porções no prato e dar vitalidade aos temperos, discreta e lindamente.

Conheço algumas pessoas que na maturidade estão se dedicando a ler, reler os clássicos. Outros incrementam a ida a museus. Viajam, cruzam o oceano sedentos de beleza. Outros a estão reencontrando na natureza ou mesmo no recém-descoberto afeto que lhes despertam cães e gatos.

Rimbaud – aquele menino que fazia poemas e meteu-se em tantas aventuras que dizem que desapareceu como contrabandista nos desertos africanos –, esse Rimbaud, disse certa vez uma coisa que merece ser corrigida: que um dia teve a beleza diante de si, sentada em seus joelhos, e achou-a amarga.

Não era a beleza, garanto. Seguramente não era.

A beleza, conquanto avara e rara, não é nunca amarga. Assim como dizem que o riso faz bem à saúde, acho que um dia descobrirão que, servida desde cedo em doses certas, a beleza debela o câncer da alma.

Ouvir, reouvir certas músicas. Ver, rever certos quadros. Ler, reler certos livros. Contemplar certas ninfas que desfilam como sereias úmidas de beleza às cinco horas da tarde pelas ruas da cidade.

A crescente necessidade de beleza faz com que já não nos baste mais sair à sua procura ou apenas frequentá-la de quando em quando. Há urgência em sequestrá-la ou habitá-la para sempre. Disseminá-la nos objetos da casa, desentranhá-la do anonimato e da solidão.

O amor à beleza é uma forma de sacerdócio. Através dele, por momentos, também se pode habitar a eternidade.